

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL

Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS

S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA

R. do Norte, 91 — LISBOA

ASSIGNATURAS

De Junho próximo em diante (Pagamento adiantado)

PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES

Anno..... 1\$200 — Semestre..... 700
 Numero avulso..... 50

CABO VERDE, GUINÉ, ANGOLA E S. THOMÉ

Anno..... 2\$500 — Semestre..... 1\$400
 Numero avulso..... 120

OUTRAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS

Anno..... 2\$800 — Semestre..... 1\$700

ANNUNCIOS

Contracto especial

A MUDANÇA DA CAPITAL

E' difficilima, melindrosissima e algo insustentavel, a existencia d'uma publicação destinada a Cabo Verde.

São tantos os entraves e as difficuldades que as exaggeradas susceptibilidades lhe criam, que a mais potente vontade se define, a mais dura energia se quebranta, a maior austeridade de principios se amofina!

Os artigos publicados nos n.ºs 4 e 5 d'esta *Revista*, epigraphados: *A mudança da capital*, levantaram grande celeuma na cidade da Praia, capital da provincia, e surgiram logo mil protestos contra essa ideia, chegando alguns assignantes da nossa *Revista* a mandar suspender as suas assignaturas, e muitos outros a declarar que não subscreveriam para o segundo semestre!

Ora, com franqueza, diremos que nos parece que o caso não era para tanto.

Nunca nos passou pela mente pretender, com a apresentação da ideia da mudança da capital, ferir os interesses de ninguem da Praia, nem nos parece que se tal mudança se realisasse um dia, d'ella adviriam prejuizos para a Praia.

A cidade da Praia, havia de ser sempre o que hoje é; a sua importancia não soffreria a menor quebra.

A mudança dos empregados publicos não seria causa de perturbação na vida economica da cidade da Praia, como o não foi a transferencia do batalhão para a Guiné, ha annos.

Ora, apresentando a ideia da transferencia da capital para S. Vicente, não pretendemos com isso fazer politica, porque nem somos politicos, nem a *Revista de Cabo Verde* o é — *homni soit qui mal y pense*.

As susceptibilidades em Cabo Verde são de um exaggero extraordinario, e quando se trata de sair da rotina, quando se assenta ou se renova uma ideia, não se procura discutir-a serenamente: a habitual indifferença transforma-se logo na mais viva ancia de descobrir intentos occultos e intenções politicas ou interesseiras.

Ora, isto é um grande mal, é um obstaculo poderoso que se põe ao progresso d'esta provincia.

Não tememos a lucta dos que defendem ou combatem uma ideia: as columnas da nossa *Revista* estão á disposição d'aquelles que quizerem discutir, em prol dos interesses geraes, todas as ideias apresentadas aqui; mas achamos condemnavel o systema de se alvejar o homem e não a ideia.

Para sermos leaes demos publicidade, no numero antecedente, a um artigo, e n'este damol-o a um outro, de um dos nossos mais estimaveis collaboradores, nos quaes se combate a mudança da capital.

Por nossa parte, o que desejariamos era que se investigasse e se discutisse methodicamente, criteriosamente, desapassionadamente, se essa mudança era ou não politica e economicamente aconselhada, sem escarafunchar e escarpellar feridas, nem dar logar a que as duas cidades Caboverdeanas se odeiem, antes se estreitem n'um fraternal amplexo, formando um todo irreductivel, harmonico e perfeito.

Entre irmãos não deve haver dissensões: a gloria de um reflecte no outro, e se um está em boas condições de vida, deve auxiliar o outro, procurando levantá-lo, erguê-lo á mesma altura.

E como não consideramos, repetimos, que a cidade da Praia tivesse nada a perder na alvitrada mudança da capital, não se pôde tambem dizer que pretendemos o levantamento da cidade do Mindello, á custa do sacrificio e do prejuizo da Praia.

Vêmos esta questão por um prisma muito differente.

A capital em S. Vicente, sob o ponto de vista politico, daria mais importancia a Cabo Verde, pela esplendida situação geographica d'aquella ilha e pelas condições em que actualmente se encontra, devido ao seu vasto e magnifico porto, onde aportam annualmente de 1.200 a 1.400 vapores, vindos da Europa e da America, e dizemos que daria mais importancia a Cabo Verde, porque a mudança da capital traria novos elementos de vitalidade a S. Vicente, e a cidade do Mindello passaria a ser uma cidade á altura d'esta categoria, reflectindo-se a sua relativa opulencia e importancia sobre todo o Cabo Verde.

Ora, é sob este ponto de vista, que desejariamos ver recahir a discussão, se discussão pôde haver sobre elle.

De resto, a cidade da Praia, não pelo que ella vale em si, mas pelo que vale a ilha de S. Thiago, continuaria sempre a gozar da sua importancia commercial, que, innegavelmente, é grande; e ainda mais, os seus magnificos predios conservariam o mesmo valor; os edificios publicos lá existentes não deixariam de ser occupados; as casas não deixariam de ter inquilinos; o hospital não deixaria de ter doentes; a Camara Municipal, vereadores; o mercado publico, abundancia de viveres; a pharmacia, clientes; a burocracia, distinctos funcionarios; o tribunal, pleitos a decidir, e finalmente, a engrenagem da sua vida economica continuaria rodando no mesmo eixo, com os bons factores de que dispõe.

Estavámos n'este ponto, quando nos chegou ás mãos, o n.º 4 do *O Ultramarino*.

Vimos sob a epigraphie *Mudança da Capital de Cabo Verde*, as considerações que o nosso esclarecido e illustre collega, apresenta sobre o assumpto.

Concordamos em que tal mudança se não fizesse sem prévio e maduro exame; mas a discussão bem intencionada e leal sobre o assumpto, é que nos havia de demonstrar a conveniencia ou inconveniencia d'esta medida.

O unico argumento adduzido de que a importancia de S. Vicente podia ser anniquilada amanhã, se os navios deixassem de carecer de combustivel para emprender suas viagens, a vapor, funda-se n'uma hypothese.

E' certo que a sciencia reserva-nos ainda maravilhosas descobertas a julgar pelas que teem enchido de assombro o presente século, a expirar; mas a substituição do carvão e do vapor é por enquanto muito hypothetica e eventual.

E se entrarmos no campo das eventualidades, poderíamos tambem admittir a possibilidade do completo arrasamento da Cidade da Praia por um incendio, por um bombardeamento, por um terramoto ou qualquer outra revolução cosmica, e até o seu anniquilamento, se deixasse de chover seis annos consecutivos, na ilha de S. Thiago, attendendo que ella deve toda a sua riqueza e importancia á agricultura e a fertilidade do solo da ilha onde está fundada.

A ideia é antiga, diz o muito respeitavel e illustre collega.

E é effectivamente.

Já em 1844, o sr. Lopes de Lima, nos seu *Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas*, dizia:

..... obrigou a mudar a residencia do governo para a Villa da Praia... apesar da convicção geral, e unanime da desvantagem que resulta para o serviço publico de ser a séde das Authoridades governativas em uma ilha toda ella doentia e mesmo mortifera durante a terça parte do anno, em que se vêem obrigados o governador e a maior parte dos funcionarios a retirarem-se para outras ilhas (todas mjs saudaveis do que esta) com incommodo proprio, e grande quebra, e desarranjo no andamento dos negocios publicos: por decreto de 11 de julho de 1838 se pretendeu remediar este grande mal ordenando-se a fundação de uma povoação com nome de Mindello, na ilha de S. Vicente, para servir de Capital da Provincia...

(Obra cit. Cap. II da I parte).

Ora parece-nos que não é ser muito exigente, o pedir-se a execução de um decreto lavrado ha 61 annos, e que ainda não foi revogado.

Aproveitamos este ensejo, para agradecer, penhoradissimos, ao mui digno e illustrado redactor d'*O Ultramarino*, o valioso e auctorizado reforço dado por S. Ex.ª ao nosso humilde appello ao nobre governador da provincia, sobre a urgente necessidade da construcção de uma ponte-caes em S. Vicente.

Do nosso distincto e esclarecido collaborador E. Tavares, acabamos de receber um artigo sobre a mudança da capital, ao qual daremos publicidade no proximo numero.

E como ha contendores—pró e contra—esta ideia, passaremos a occupar-nos d'outros assumptos de interesse geral para a provincia, deixando aos controversistas o campo livre para a discussão, para que se faça

completa luz sobre o assumpto. Depois os homens imparciaes decidirão de que lado está a justiça.

Esperamos, porém, que os polemistas não saíam do campo das argumentações cordatas, banindo desnecessarios doestos e considerações extranhas ao assumpto, para não nos obrigar a retirar-lhes a palavra, fechando a discussão.

A'quelles dos nossos amigos da cidade da Praia, que nos têm increpado, pela apresentação inoportuna de tal assumpto, diremos:

Se é na cidade da Praia, na verdade, que deve estar e continuar a capital, os argumentos dos que assim pensam, virão destruir todos os oppostos. A verdade é uma. A victoria estará, n'este campo, do lado da justiça; e esta ha-de triumphar.

Além d'isso, tendo apresentado a ideia, não podemos airosa e legitimamente evitar a discussão, já que ella se estabeleceu, e já que um jornal auctorizado, como *O Ultramarino*, fez algumas considerações sobre o assumpto, e que outros periodicos do Reino se teem referido á elle.

Se o nosso proceder foi mau, perdõem-nos os nossos amigos, em troca da pureza das nossas intenções quando levantamos esta ideia.

As circumstancias posteriores, não nos permitem dignamente parar, encerrando a discussão no seu inicio.

Seria revoltante deslealdade e cobardia.

Qui n'entend qu'une cloche n'entend qu'un son, diz um velho proverbio francez.

Era pois, preciso, era justo acceitar a refutação da ideia apresentada na *Revista*. Proceder de contrario, seria incorrecto da parte de uma publicação, que só visa aos interesses d'esta provincia.

Ora tendo-a acceitado, como fizemos, não se nos deve levar a mal deixar livre a discussão.

Não é amigo da verdade, quem não quer ouvi-la.

Fazemos inteira justiça a todos os nossos amigos da Praia, que o seu bom senso nos absolverá.

Ao nosso esclarecido collaborador, que tem firmado os seus artigos sobre este assumpto, com a inicial A., pedimos licença para não responder, por motivos que particularmente já lhe apresentamos.

Declinamos este encargo a outros, que abraçam e advogam a ideia aqui levantada, e que decerto o farão com mais competencia do que nós.

O que é preciso, porém, é não sahir do campo das demonstrações, e nem descambar para o das individualidades, porque não se trata de discutir nem os cidadãos, nem a burocracia das duas cidades, mas simplesmente, se o facto da mudança da capital, é ou não de conveniencia para a provincia.

Ainda mais: pode-se e deve-se demonstrar que se S. Vicente teria a lucrar com tal mudança, a Praia nada tinha a perder, como se pretende dizer. Queremos a transferencia da capital e não do capital.

S. Vicente continuaria a soccorrer os anemicos cofres publicos da Cidade da Praia com a largueza costumada.

O DIRECTOR.

AMORES DE UMA CRIOLA

Folhetim por A. Arteaga

No proximo numero começaremos a publicação d'este interessante folhetim.

A MUDANÇA DA CAPITAL

Volta á tela da discussão a velha questão da mudança da capital da provincia, e já não é um, são muitos os gladiadores que apparecem na arena da imprensa, preconizando ou condemnando tal medida.

Limitamo-nos, por enquanto a esclarecer alguns dados que vão apparecendo em defeza d'esse ideal, para que melhor se faça a luz, mais tarde, quando a serio, e com argumentos fortes e de peso, se entre a fundo na questão.

Começaremos por dizer que soffre duvida se a cidade do Mindello é mais populosa, sadia e movimentada que a cidade da Praia.

A Praia tem uma população de 6:500 a 7:000 almas; a cidade do Mindello de 6:560, incluindo n'esta cifra toda a população da ilha. Aquella tem as suas febres palustres ao findar a quadra das chuvas; esta tem as suas gastro-interites, e as suas febres typhoides, resultado da agua que consome, condemnada para uso da alimentação, e tem mais, como contrapezo, a varíola, a escarlatina e outras doenças epidemicas, que ali se importam e d'onde, por vezes, infelizmente, irradiam para o resto da provincia. Tem o Mindello o movimento dos passageiros, quando as quarentenas lhes não impedem o desembarque e dos trabalhadores do trafego do carvão; a Praia tem o seu mercado repleto de tudo o que ha de mais necessario á vida, onde difficilmente se pôde andar no meio de centenaes de pessoas, e o vae-vem dos indigenas, conduzindo productos do interior da ilha, enchendo as lojas e fazendo a permuta dos seus generos.

Em 1896 a importação na ilha de S. Thiago foi de 247:452\$710 réis e não de 243:300\$290 réis, e a de S. Vicente de 1 212:703\$759 réis, devendo, por excesso de escrupulo, tirar-se d'esta verba, alem dos 892:496\$310 réis do carvão de pedra, mais 144:616\$765 réis de embarcações, material, sacos vazios etc., etc., importados pelas companhias carvoeiras, companhia do telegrapho e companhia das aguas, cifra esta em que está, tambem incluída, a verba de 84:299\$630 réis de dinheiro em prata e em ouro.

Fica, portanto, assim reduzida a importação de S. Vicente a 175:590\$684 réis, e isto por não termos á mão os dados precisos para calcular o que d'ali se reexporta para Santo Antão, S. Nicolau, Sal e Bôa Vista.

Se á importação de S. Thiago, por coherencia e imparcialidade, abatermos tambem o carvão importado, embarcações, dinheiro e material para o estado, na verba de 45:754\$700 réis, ficará ella reduzida a 201:098\$100 réis. Se fizemos agora a exacta comparação entre esta importação e a de 175:590\$684 réis, vemos que a ilha de S. Thiago fica superior, em verdadeira importação commercial, á de S. Vicente em 26:107\$316 réis.

A differença, pois, de 76:907\$159 réis apresentada a favor de S. Vicente era innexacta, e não podia deixar de assim ser. Ninguém se convenceria que aquella fosse a verdadeira cifra da importancia commercial, comparando os 63:793 habitantes da ilha de S. Thiago com os 6:560 de S. Vicente.

Quanto á exportação, de que se não falla, talvez tambem por escrupulo, foi em 1896 assim representado o seu valor.

A ilha de S. Thiago com 214:050\$981 réis; e a de S. Vicente com 44:009\$150 réis.

Por coherencia deve abater-se á exportação de S. Vicente 22:246\$160 réis de café, que estamos conven-

cidos não é producção sua, ficando assim aquella verba reduzida a 21:762\$990 réis, e sendo assim superior a exportação da ilha de S. Thiago á de S. Vicente em 192:287\$991 réis. E esses 21:762\$990 réis que lhe attribuímos de exportação, hem desejariamos que nos indicassem a sua proveniencia?

Que S. Vicente não tem recursos proprios e importa tudo de fóra, começando pela agua, é um facto incontestavel, e não colhe a comparação estabelecida entre aquella ilha e as principaes cidades europeas, que tem milhares de habitantes. Ainda assim estas tem a poucos kilometros ricos terrenos agricultados e excellente agua potavel.

Na cidade da Praia nunca encareceram os generos com a chegada de navios estrangeiros ao seu porto; e ainda em 1882, quando a elle veio a esquadra ingleza do canal e, em 1884, a esquadra allemã, foi tal a quantidade de verduras que appareceu no mercado que, depois do fornecimento diario, se vendia, por todo o preço, o que sobrava.

Quando em S. Vicente esteve a e quadra de Cervera, da Praia foram expedidos milhares d'ovos e centenaes de gallinhas para o Mindello.

As difficuldades para a mudança da capital de um districto não se removem apenas, com a transferencia da papellada velha das repartições. E' negocio de demorado estudo e que se prende com altas questões economicas, administrativas e financeiras.

Os negocios publicos não nos parece que melhorassem mais em S. Vicente que em S. Thiago, porque tantas communicacões tem uma como outra ilha com com as suas irmãs. O vapor correio toca em toda ellas em duas viagens, e os palhabetes de cabotagem transitam entre todo o archipelago.

A introducção da alta burocracia no Mindello não melhoraria os negocios da provincia, porque tanto o pôde fazer ali como na Praia, salvo se em S. Vicente se illuminassem mais os seus cerebros, com a mudança d'ares e, n'esse caso, colhe o argumento.

Tanto em contacto directo está um como outro ponto com a metropole, visto que ambos se ligam pelo telegrapho a Lisboa, e tem tres carreiras regulares de vapores, alem das extraordinarias.

Para vigiar de mais perto as intenções dos navios de guerra estrangeiros não nos parece que seja o functionalismo o meio effcaz, antes melhor seria ter em S. Vicente bons fortes, excellentes peças e adestrados soldados.

O commercio de S. Vicente não se completaria de certo, com a ida de meia duzia de funcionários para ali, o que representaria apenas um augmento de consumo de alguns contos de réis; não obrigaria isso a abrir mais estabelecimentos nem traria augmento sensivel á sua importação.

A desnacionalisação, a que se referem, não desapareceria por completo, porque a colonia estrangeira que é grande em S. Vicente tende a augmentar e a população indigena não cresceria com a mudança da capital, porque para aquella ilha não pôde haver emigração, attendendo á sua falta de recursos e dando só trabalho a um determinado numero de homens no trafego carvoeiro.

E, por ultimo, que seria da pobre capital se para ali se transferisse, — pondo de parte todas as considerações que militam em desfavor de tal medida; — se, por uma evolução da sciencia das descobertas, que não estaciona no seu caminhar, se descobrir um outro motor da navegação que não fosse o vapor?

Sabemos todos que se trabalha para esse fim, e que não é um impossivel.

Responderão que a descoberta não está feita, que tem grandes dificuldades a vencer e que pôde demorar-se muito.

E se fôr amanhã, depois, d'aquí a um, dois ou tres annos?

As outras cidades, grandes emporios do commercio, não causará a modificação a menor differença. O mesmo ou maior numero de vapores continuará a frequental-os.

Mas S. Vicente? Ficará com o seu porto deserto.

E depois que fazer?

Mudar de novo a capital para a Praia!

Ora como isto de mudança de capitães, não é brinco de creanças, deixemos as cousas como estão para não termos de nos arrepender das nossas leviandades.

A.

PROTESTOS

O artigo — *Escola d'artes e officios em Cabo Verde* — do nosso talentoso amigo Viriato Fonseca, suggeriu da parte de varios distinctos patriotas caboverdeanos, alguns protestos, de que demos conhecimento ao illustre arguido, para se defender.

O principal protesto, era que s. ex.^a tinha sido n'aquelle artigo, injusto para com os no-sos poetas caboverdeanos, e adduziam-se considerações, vibrantes de patriotismo, relembrando-se as maviosas produções de alguns dos nossos poetas extinctos, como G. Dantas, Barreto e L. Medina, — e francamente, chegamos a ficar convencidos, de que se devia uma reparação aos citados mallogrados poetas, que tanto illustraram e honraram a patria caboverdeana, porque, apesar de conhecer e muito apreciar o levantado patriotismo do sr. Viriato Fonseca, tambem nos parecia que aquelles illustres extinctos deviam merecer particular e especial menção, no brilhante artigo de s. ex.^a

É, pois, com indefinivel prazer que damos hoje publicidade á resposta de s. ex.^a, sobre esta parte dos protestos recebidos.

A resposta vem esclarecer, briosa e dignamente, as intenções e o sentir de s. ex.^a, a este respeito.

Quanto aos outros pontos contestados, abtemo nos de fazer considerações, deixando aos arguentes e ao arguido o campo livre para a discussão.

Segue o artigo:

Recebi por intermedio do director d'esta *Revista* a nota de alguns protestos, feitos a proposito do meu artigo — *Escola d'artes e officios em Cabo Verde*, — e como não me soffre o animo deixar sem resposta os illustres individuos que se dignaram reparar para o meu pobre escripto, vou responder-lhes lamentando tão sómente que aquelles protestos e reclamações se não tivessees dado a devida publicidade, já porque assim melhor conheceria os meus erros e já tambem, porque assim o publico que lê, melhor ficaria orientado sobre o assumpto que se discute.

Gosto da discussão porque aprendo.

Quando estudante, procurava ter sempre a meu lado um collega que soubesse e discutisse.

Discutir com os que sabem, foi sempre o meu desejo.

Aos que não sabem, ensino-os ou fujo d'elles.

A todos, pois, que se dignaram, ainda que indirectamente, apontar-me as duvidas suscitadas no seu espirito, eu agradeço penhoradissimo, porque da minha resposta alguma cousa devo ganhar.

Começarei por dar a Cesar o que é de Cesar.

Diz-se, em primeiro lugar, que fui injusto com os poetas caboverdeanos, Dantas, Barreto, Luiz Medina, Humilde Camponeza, E. Tavares e Lopes da Silva.

A razão e a consciencia não me accusam de tal injustiça e falta de patriotismo.

«Não ha um livro, uma obra que forme escola e defina o modus litterario e scientifico d'esta quente provincia africana» escrevi eu n'aquelle artigo e continuo a affirmar o dito.

No meu fraco entendimento, disse e expuz tão simplesmente a verdade, sem comtudo deixar de conhecer e festejar o talento d'aquelles meus illustres patri-cios.

O talento que se manifesta por uma especialidade, não deixa de ser talento, mas no seculo actual, em que a litteratura, como muito bem diz Ramalho Ortigão, deixou de ser um passatempo academico para se converter n'uma das grandes molas do movimento social, não pode o litterato ser indifferente á exagrese de toda a evolução humana.

Desconhecer na generalidade os factos que constituem a moderna sciencia e as leis que os regem, a sua origem e concatenação, é ignorar tambem a profunda psychologia das sociedades, e o producto litterario que tão simplesmente avoeja em torno de uma idiosyncrasia especial, sem o colorido da sciencia, sem o calor que lhe dá a historia e a sociologia; que se anicha n'um immaculado sentir bucolico ou lyrico, pode sim, mostrar inatas qualidades de talento, mas nunca poderá ser uma alavanca de progresso, nunca inspirará ás multidões o alento que dá força, nunca terá a força que determina a cohesão e como tal nunca poderá constituir escola.

É isto o que eu disse e é isto o que affirmo.

A honra que merecem os poetas caboverdeanos acima citados, registei-a nas seguintes phrases do meu artigo:

«Raros são aquelles que pelas suas poesias... etc.» e por esta outra «Honra, porém aos poucos que ainda trabalham, etc.»

N'uma população relativamente grande, como a que compõe o archipelago de Cabo Verde, parece-me que a palavra — raros — applicada aos pouquissimos individuos que cultivam a litteratura, foi usada com a maxima propriedade. Por os vulgar raros, não os exclui d'aquelle gremio, antes os exalcei. Por serem poucos, ganham o que a provincia perde em gloria litteraria.

Alguem, citando o seguinte trecho do meu artigo «É deveras grandiosa a evolução scientifica de todos os ramos da actividade humana, n'este ultimo quarto de seculo», diz: — Não data d'este ultimo quartel a evolução scientifica de todos os ramos da actividade humana, nem a metaphysica e o empirismo tiveram sob subordinação os homens até ao meiado d'este seculo. Voltaire, Rousseau, Leibnitz, Darwin, Newton, Reamur, Arago e tantos outros, quando floresceram? A revolução franceza foi o producto directo, incisivo das doutrinas dos grandes espiritos (empiricos?) que encheram de luz o fim do seculo passado.

No trecho incriminado, quem o lêr com a devida atenção, verá immediatamente que ali se não passa certidão de idade de 25 annos, á evolução scientifica de todos os ramos da actividade humana.

Affirma-se sim, que ella é enorme, grandiosa, impo-nente, quasi maravilhosa no ultimo quartel do seculo que atravessámos. Affirma-se e ninguém o contestará

que aproveitando os importantíssimos subsidios anteriores que andavam dispersos ou envolvidos nos preconceitos que derivaram da idade media, se consubstanciou e engrandeceu a ponto de formar novos cerebros, novas sociedades e novas religiões.

Antes d'isso a sciencia havida ou descoberta era apanagio de poucos, dos eleitos, dos sabios, e raras vezes ella vinha dar á humanidade os elementos que em si continha para o progresso das coisas e melhoria das idéas.

A imprensa, porém, e o caminho de ferro e o telegrapho, ligando n'um abraço enorme o Norte, o Sul, o Oriente e Occidente, abriram a todos os povos os esplendidos dominios da sciencia e avassalaram quasi por completo as aspirações empiricas e metaphysicas.

E isto fez-se desde ha meio seculo.

E foi Alexandre Humboldt, o primeiro e o mais imminente representante d'esta tendencia de generalisação, que concorreu para que as sciencias exactas e as sciencias naturaes deixassem de ser propriedade occulta de uma casta de sabios, espalhando os seus beneficios e a sua luz a todos os povos, que então mudaram de phase, abandonando o empirismo pela estreiteza das suas regras e a metaphysica e o dogmatismo que só explicavam o mysterio da nossa existencia por meras hypotheses resultantes do methodo deductivo.

E Humboldt, morreu em 1859.

Na geographia o mesmo Humboldt, creando um novo ramo da descripção physica da terra e tambem Carlos Ritter, e Peterman e ainda as expedições longiquas e arriscadas, taes como as de Levingstone, Barths, Decken, Serpa Pinto, Cardoso, Ivens e Stanley, explorando o interior da Africa, e as que tentam descobrir as regiões glaciaes até aos polos, como a de Nausen, o qual ultrapassou o paralelo 86°, deram á sciencia geographica avantajado impulso, destruindo erros preteritos.

E isto é quasi tudo feito no ultimo meio seculo.

A geologia, cujo objecto é o estudo da origem do nosso globo, foi estabelecida por Werner, no começo d'este seculo, de um modo scientifico, deitando por terra as phantasias e devaneios em que andava envolvida.

A paleontologia, a sciencia das petrificações é modernissima.

Darwin, que viveu de 1809 a 1882 (n'esta citação erroo o arguente do artigo) investigou o desenvolvimento da vida organica da terra, escrevendo o seu livro «Origem das raças» e formulando o grande principio da lucta pela existencia.

Os progressos das sciencias naturaes, da astronomia, da physica e da physiologia, estão intimamente ligados com os progressos das mathematicas, as quaes se desenvolveram consideravelmente no presente seculo. A invenção dos calculos infinitesimales, no seculo passado, por Leibnitz e Newton, da que resultou grande revolução para a sciencia, só deu resultados praticos, inconcebiveis e maravilhosos, no meiado do seculo actual, pelo enorme desenvolvimento e orientação que tomou o calculo infinitesimal e o calculo integral, e foi Gauss que morreu em 1855, um dos que maiores serviços prestou ás mathematicas puras.

As melhores e as mais arrojadas conquistas astronomicas, pertencem ao seculo actual, como o podem attestar as obras de Bessel, Leverrier, Galle, Wadler, Hansen, Delannay, Schiaparelli e Herschel.

A physica, subsidiada pela mathematica, tambem tem n'este seculo a sua apothese. A electricidade, essa novissima sciencia que tem revolucionado o mundo, ainda nos fins do seculo passado se fundamentava

tão sómente na descoberta de Galvani. Vieram depois e já n'este seculo, Volta, Oersted, Ampère, Faraday, Neuman, Weber, Kirchoff e Edison, e os seus estudos e as suas descobertas garrotaram o dogma, illuminaram o mundo.

A theoria do equivalente mechanico do calor, definida pela formula $E = Q T$, tendo como base a doutrina de que na natureza nenhum movimento se perde, ou antes na natureza tudo se transforma, nada se cria, nem nada se perde, immortalizou os sabios Wayer, Youle e Helmholtz, que a estudaram e definiram.

A chimica é a sciencia que melhor demonstra os dizeres do meu artigo. Muito tarde, comparativamente com as outras sciencias, ponde ella libertar se das concepções da idade media e dos preconceitos escolasticos. Priestley, Schelle e Lavoisier, com as suas descobertas, no fim do seculo precedente a fizeram entrar no gremio das modernas sciencias, e de então por diante Gay-Lussac, Berthelot, Berzelius, Davy, Bunsen, Duarte Silva, Troost, Enghel e Wurtz, todos no actual seculo, desenvolveram e enriqueceram a sciencia chimica com as fulgidas scintillações dos seus bem organisados cerebros.

Agora mesmo, na actualidade, se estuda a constituição intima dos corpos organicos, extendendo-se esse estudo até á constituição do micro organismo, o que é de incontestaveis vantagens para a humanidade; Pasteur e Justus foram os apostolos d'esta cruzada.

A physiologia que estuda as leis da vida humana tambem teve n'este seculo a sua consagração pelos imminentes trabalhos de João Muller e Helmholtz.

Linnen, Jussieu e Cuvier, no seculo actual, methodisaram e systematisaram as especies animaes e vegetaes, constituindo assim a verdadeira sciencia zoologica e botanica.

A propria medicina, que viveu acanhada até ao principio d'este seculo, porque se firmava em especulações philosophicas completamente destituídas de fundamento, desdenhando os processos da observação scientifica, modificou-se e tomou incremento pelo soberbo impulso que lhe deu Schöulein que, qual outro Hypocrates arrancando das mãos dos antigos sacerdotes a arte de curar, ponde quebrar as algemas que a manietavam ao systema da philosophia da natureza e deu-lhe fundamento na observação scientifica e no methodo inductivo. A Schöulein succederam Constatt, Fuchs, Pheuffer e outros, que tão bem souberam continuar a sua obra.

As sciencias sociaes, economia politica, biologia, direito e sociologia, modificaram tambem por completo, como devia acontecer, as suas formas e os seus processos, fundamentando se em principios de equidade, de honra, de liberdade e de egualdade.

Parece pois ficar altamente demonstrada a verdade do que disse no principio do artigo *Escola d'artes e officios*, e como a convicção nasce da natureza dos factos, da historia e da sciencia, eu estou profundamente convencido de que disse a verdade e mais convencido estou de que aquella asserção não poderá ser contestada, porque para isso seria preciso derruir a propria sciencia, rasgar a historia e annular os factos.

Outro arguente diz, mui laconicamente, que a sciencia não divinisa tudo.

Tambem eu o não disse.

Divino é tudo que é perfeito, bello, harmonico e sublime; é tudo que contem em si a suprema bondade, justiça e equidade. Ora, disse eu, que se chegou a a uma epocha em que a humanidade, pela rigorosa applicação dos principios scientificos, quasi se divinizou.

E' isto um tropo que, sem redundancias, bem exprime a minha idéa, isto é, que o homem pela sciencia se approxima de Deus, principio onde residem todas aquellas mirificas qualidades.

E, segundo parece, lendo o seguimento do contexto, melhor explicada fica a minha hyperbolo.

(Praia).

VIRIATO FONSECA.

POPULAÇÃO DE CABO VERDE

1897

Ilha de S. Thiago.....	63:423
» do Fogo.....	20:206
» Brava.....	9:699
» de S. Vicente.....	6:562
» de S. Antão.....	25:115
» de S. Nicolau.....	12:711
» da Boa Vista.....	3:552
» do Sal.....	620
Total.....	141:888

FESTAS

Desvestidos de todas as grandes virtudes que aformoseavam e robusteciam os brilhantes cyclos da nossa grandeza, a tal ponto nos limpamos d'aquellas formosas teias d'aranha do philosopho Spencer, que vimos dar n'esta inexcédível infamia de comer, beber e... deixar correr o marfim.

E, n'esta situação a que chegamos, com a responsabilidade material de tanta divida sobre os hombros, com o pezo moral de tantos crimes sobre a consciencia, não digo que não seja ainda tempo de procurar outro caminho, de emprender a nossa regeneração; porque, para sahirmos vencedores, basta que triumphemos de nós mesmos: será preciso, porém, desfear mo-nos em iconoclastas dos obcenos idolos da nossa politica; será mister uma grande união de vontades que, tomando a peito a completa destruição de tudo quanto está condemnado pela consciencia collectiva da nação, emprenda a remodelação do nosso systema de educação moral e instille a coragem e o juizo, duas sêdicas virtudes absolutamente votadas ao desprezo por nós.

Não basta que nas escolas, nas aggremações politicas, nas commemorações historicas, ensinemos a nossos filhos o amor ás glorias do passado, com o triste e irrisorio fim de seguirem o luminoso rastro que os nossos heroes deixaram na historia; é mister preparar-se para isso; munil-os de azas para poderem elevar-se ás irradiações das alturas; fazer d'elles aguias, não ícaros; é necessario mostrar-lhes a nossa desgraça e ensinar-lhes as cousas d'ella; arrancar do coração da Mocidade o medo da morte e substituir esse horror do soffrimento phisico pelo sublime amor do sacrificio em prol da patria; habitual-a ás fadigas, ao soffrimento, ao trabalho rude, a tudo quanto é violento, a tudo quanto é salutar; e, finalmente, insuflar-lhe n'alma não só essa cousa sublime que se chama o amor da patria, como tambem essa cousa horrivel, mas necessaria, que é o odio ao verdugo; com o santo fim de debellar os males presentes e evitar as ciladas futuras; porque, sem saber vencer as tempestades de hoje, ninguém, coherentemente, pode aspirar ao pleno gozo das bonanças da amanhã.

Do espectáculo das nossas misérias, tirarão, nossos filhos, incontestavelmente, maior lição, que da recons-

trução das nossas passadas glorias em irrespeitosas e carnavalescas procissões civicas; porque, n'um, a realidade desmudar-se ha a seus olhos, em toda a tristissima eloquencia dos factos; e n'outra, o presente mostrar-se-ha sob o estonteamento d'uma bebedeira de mentirosas fulgurações do passado.

Tinham os athenienses um Alcibiades que os entre-tinha com um celebre cão desrabado, e que os cobriu de gloria em Abydos e Byzancio; nós, temos tido uma porção de Alcibiades que nos divertem com centenarios e girandolas, que não sabem vencer, mas que saberão, lá quando os ares se carregarem com prenuncios de borrasca, desfechar contra a Patria toda a formidável esquadra d'uns *Gylippos* que não são spar-tanos...

Não digo que seja, em absoluto, condemnável celebrar as glorias passadas e coroar, com a apothese dos centenarios, os homens que nos honraram; simplesmente, me parece, que, nas nossas circumstancias, celebração mais digna para nós e mais respeitosa para o objecto do nosso culto historico, devia ser feita com as lagrimas nos olhos, com a amargura no coração, com a consciencia do nosso presente a abaixar-nos os olhos para o chão; porque é do fundo da deshonra, enterrados até ao peito, — até o coração, — no lodo da maior vergonha que pode, deante da Historia, fazer empallidecer um povo, que saudamos aquelles que glorificaram esta Patria que nós aviltamos.

Lá do eterno repouso, as almas heroicas e virtuosas dos nossos grandes homens, terão chorado, na infinita dôr de ver os portuguezes de hoje esquecendo a agonia da Patria para se lembrarem d'elles que pela Patria a vida davam.

E, quando os meus olhos cheios de dôr, contemplam esse formidável *can can* da vida portugueza; quando vos vejo, oh meus irmãos, n'um desenfreamento de pandegas reles com pretextos historicos, offerecer, ás outras nações, o espectáculo infame d'uma miseria obcena e ridicula, que grandes desejos se me levantam de vos perguntar o que, na verdade sois: se portuguezes como vos dizeis, se felizes como apparentaes.

Porque, quando a Patria se dissolve na prior das deshonrosas desgraças, ou se é feliz e não se é patriota; ou se é patriota e não se pode ser feliz.

E. TAVARES.

A VIDA DE PORTUGAL E DAS SUAS COLONIAS

(Continuado do n.º 6)

Chamar a attenção d'este ou d'aquelle ministro, indicar-lhe mesmo o caminho a seguir, é quasi sempre prégar no deserto; uns tomam as pisadas dos outros, o credo politico é sempre o mesmo.

Agora apparece o sr. Villaga com alguma vontade de fazer uma nova administração nas provincias ultramarinas, mas nada poderá fazer sem bons governadores e funcionarios honrados; é preciso reformar os homens, para que haja então outra administração; sem isso, nada fará o nobre ministro, que nos parece que não terá canho, valor, força politica, para salvar da partilha estrangeira os territorios que levou Luiz de Camões a dizer a el-rei D. Sebastião, o seguinte:

«Vós, poderoso rei, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo vó primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro.»

Possuimos, é verdade, ainda extensos e importantíssimos territorios na Africa, na Asia e Oceania, os quaes compensando sobejadamente a pequena área que occupamos no continente europeu, nos dão direito ao logar distincto que ainda temos das raças civilisadas, e viu-se ainda isso ha pouco tempo, por occasião do centenário de Vasco da Gama, que todas as nações cultas nos honraram com os seus cumprimentos.

Portugal está desacreditado financeiramente, gastou mais do que o seu rendimento; mas nunca na sua historia, no seu valor nautico e guerreiro; se os estrangeiros não nos dão credito bancario, é isso devido á má administração que temos tido e ao estacionamento das artes e industrias; mas esse erro, essa reluctancia, é só devida a quem nos tem governado, e não ao povo sujeito a um mau regimen que ha muito tempo condemna.

Agora sério, se isto não mudar, então esse valor que fruímos, essa historia brillantissima que honra mundo, passará para os archivns de quem penhorar os nossos torrões e os rematar em praça, ou tomal-os por meio da força.

Quem deve tem de pagar, tarde ou cedo; portanto, sabido está que temos de pagar á Inglaterra, á França e á Allemanha o que devemos, e é melhor pagar por bem do que por mal.

De que nos serve termos tantas colonias, se as não podemos desenvolver, se ellas em logar de dar lucro á metropole, lhe estão dando prejuizo, augmentando-lhe a divida anno a anno?

Sem nos faltar o verdadeiro patriotismo, não seria mais acertado vender, por exemplo, a Guiné, que só nos dá trabalho e despeza; Timor, que não nos serve senão para presidio de criminosos. Que rendimento nos dá ou poderá dar, na nossa mão, d'aquí a cem annos? Pelo systema seguido, nenhum.

(Continúa).

BORLIDO MARTINS.

ALBUM LITTERARIO ILLUSTRADO

O illustre e infatigavel director do Almanach Luso-Africano, projecta apresentar, para a exposição Universal de Paris, de 1900, um album litterario illustrado, sob o titulo *Cabo Verde em Paris*.

O convite-programma, acompanha este numero.

A direcção da *Revista de Cabo Verde*, associando-se a tão sympathica como util e patriótica ideia, chama a attenção de todos os seus leitores, para o respectivo prospecto, esperando que essa ideia encontrará o mais decidido apoio da parte de todos.

CRUELDADE

Ha tempos vimos n'uma das ruas d'esta cidade um desgraçado cão, que escorria sangue, resultado de um ferimento profundo na cabeça, produzido por uma paulada que um malfetor lhe tinha vibrado com deshumanidade atroz e revoltante.

O pobre animal, soltava profundos e dilacerantes gritos de dôr; seus olhos embaciados, prognost cavam a proximidade de uma morte angustiosa e dolorosa; deixava rastros de sangue e de baba por onde passava; procurava com os olhos meio apagados, um amigo, um protector, que lhe deitasse uma pinga d'agua fria na ferida, para acalmar as horriveis dôres que soffria,—mas em vão o desgraçado appellava para uma sociedade de homens insensiveis e de coração empedernido: ninguém, ninguém, soccorria a infeliz victima; os transeuntes, continuavam seguindo impassiveis,

indifferentes, seu caminho, sem olhar para o pobre animal, sem escutar seus tristes lamentos, sem comprehender sua dôr, seu soffrimento, parecendo que se assistia á scena mais trivial do mundo, que se contemplava o quadro mais natural da vida!

Como é triste isto, senhores!

Que sociedade é esta, que cerra os olhos ás desgraças, que não tem as mais leves noções humanitarias, que ensombrada no mais revoltante egoismo, não ouve, não vê, não quer saber do mal, do soffrimento dos animaes, como se estes fôsem seres inanimados!

Que é isto, senhores? O que entendeis por humanitarismo? Auxiliar os poderosos, os fortes? Appoiar os interesses dos privilegiados da fortuna?

Ao mais leve empurrão que alguém vos dê; a uma pequena phrase equivoca que alguém vos dirige, ahí estaes vós a correr pressurosos aos tribunaes reclamando justiça, reparação, castigo ao oppressor, fazendo muitas vezes do sagrado templo da Justiça o theatro das scenas e comedias mais escandalosas, repugnantes e ridiculas, e do Juiz, o executor, o instrumento de mesquinhas vindictas, e da Lei, o cumplice inconsciente de secretas e infames paixões.

*
*
*

Maltratar os animaes é uma manifestação monstruosa e evidente da falta da civilisação e de principios humanitarios; é o symptoma mais infallivel do atraso e da preversão de um povo; é um acto cobarde, indigno e revoltante, que deve ser severamente punido, e denota uma ferocidade de instinctos, que quasi sempre fica na impunidade, porque se não advoga a causa dos pobres animaes, como seria para desejar.

(S. Vicente).

SILVA CAMPOS.

GADO EXISTENTE EM CABO VERDE

1897

107:909 cabeças, no valor de 409:626\$100 réis.
O maior numero é do caprideo.

ARBORISAÇÃO

Os primeiros passos para a arborisação de Cabo Verde foram dados em 1843, e decorrido meio seculo, é triste dizel-o, nem um passo adiantamos; antes aquellas ilhas que conservam restos da sua antiga arborisação, estão sendo, pouco a pouco, despojadas d'elles. E, em verdade, custa a acreditar que, decretando o governo, todos os dias, medidas tendentes a fomentar a arborisação, os primeiros trunfos da provincia e os agricultores em geral, por uma profunda reluctancia em acreditar nas beneficas modificações que a arborisação exerce sobre as condições meteorologicas de um paiz, não se tenham dedicado a secundar os esforços do governo.

Quando Lopes de Lima attribuiu á nudez vegetal d'estas ilhas a grande e tragica calamidade de 1832, alguém, no proprio boletim official, contestou-lhe as suas affirmações com os seguintes dislates:

«A maior parte das pessoas que tem escripto ácerca d'estas ilhas, n'estes ultimos tempos, attribuem a esterilidade que de tempos em tempos afflige os seus habitantes á falta d'arvoredo que se sente na maior parte d'ellas: e o senhor Lopes de Lima nos seus *Ensaio Estatístico* tambem imputa a essa falta a ul-

«tinha fome. Durante o século XVIII houve tres grandes fomes n'esta provincia, que foram em 1743, 1750 e 1770 (a qual por antonomasia se denominou a fome grande); ora, n'esse tempo devia ser numerosa a quantidade de arvoredos que havia principalmente na ilha de Santo Thiago, porque desde então a cortarem-se para combustível arvores, que pelo menos ha 20 annos a esta parte não têm sido substituidas por outras, ainda até hoje não acabaram, posto que sejam mais raras, o que é bom de presumir.

«É pois claro que não é a falta de arvoredos a causa unica da fome de 1832, como se prende inculcar; «sirva isto de advertencia para que se não adoptem sem reflexão opiniões que, pela mesma forma recebidas pelo povo, passam como axiomas e são meramente illusões.»

Ora, vejamos lá, como homens tidos, muito naturalmente, por intelligentes e sensatos, espalhavam entre os agricultores noções falsas sobre um ponto que de tanto interesse era fazel-o conhecido. E faziam publicar no boletim official essas asneiras que iam lançar em descredito as medidas aconselhadas por aquelles que, como Lopes de Lima, viam o mal e acertavam com o remedio.

A ilha do Maio, que, no principio do seculo passado, era coberta de tarafes, já em 1844 estava completamente nua.

Na ilha Brava, resam algumas vagas tradições que, os primeiros colonisadores tiveram de abrir caminho a machado pelo flanco dos montes, ouriçados de selva-gem arborisação e trepadeiras espinhosas.

S. Vicente e Boa Vista, pelos restos que ainda apresentam, deviam as suas extensissimas dunas ser revestidas de tarafes; e quando estas, mais áridas, eram arborisadas, o quanto não o seriam a fresquissima Santo Antão, o uberrimo Fogo e as productivas S. Nicolau e S. Thiago.

Em portaria de 19 de dezembro de 1843 mandou o governador da provincia fazer plantação de *Palma Christi* á beira das estradas da ilha do Meio; em 1849 o governador Fontes recommendou a plantação do *Jardim* na ilha Brava; hoje este arbusto vae desaparecendo n'esta ilha destruido pelo povo.

Estas medidas porem é evidente que não tinham em vista modificar condições meteorologicas, senão remediar falta de combustível, ou, como posteriormente nas plantações da purgueira, crear novas fontes de receita.

Em 1851 o mesmo governador approva uma ordem do regedor da parochia da Ilha de S. Vicente, prohibindo, sob pena de prisão e multa de 1\$000 réis, o corte de tarrafes nos terrenos não aforados; esta foi a primeira medida adoptada com vagos intuitos de protecção ás pobres arvores e, cumpre dizel-o, foi devida á iniciativa de um simples regedor. Abençoado regedor!

Em carta de lei de 21 de julho de 1863, foi o governador da provincia auctorisado a despendar até 3:000\$000 réis annuaes com a arborisação da provincia.

O sr. governador Albuquerque em 1870 recommendava ás camaras municipais:

1.º — Demarcassem os baldios e fizessem sementeiras e plantações de arvores;

2.º — Prohibissem expressa e terminantemente o corte da purgueira, etc;

Na ilha Brava pelo menos é a purgueira todos os annos destruida para combustível e na Boa Vista, é não só a purgueira como o tarrafe que soffrem com o vandalismo do povo, mesmo a despeito do empenho que as auctoridades empregam para tal evitar.

3.º — Que por todos os meios legaes se procurasse crear receita para compra de sementes, creação de viveiros, estabelecimento de premios aos agricultores que se distinguissem na arborisação, etc;

4.º — Finalmente que no interesse da arborisação povessem as camaras municipais em acção todas as suas forças intellectuaes.

Em 1877 apparecem duas portarias auctorisando a despeza de 260\$000 réis para a arborisação das estradas da *Furna* e *Vinagre* da ilha Brava.

Em 1879 impõe o governo aos concessionarios de baldios a obrigação de ter oito arvores em cada hectare de terreno aforado e comette aos administradores dos concelhos o cuidado de vigiar pela execução d'esta medida.

Vê-se pois que ao passo que, não tem faltado empenho da parte do governo, tem sobejado desleixo da parte d'aquelles a quem cumpria tanto vigiar pelo cumprimento das disposições do governo como cumpril-as rigorosamente.

Ilaja-bon von'ade em adoptar essas medidas e sempre havemos de vêr se as peregrinas theorias do sujeito de bom gosto que contestou o que Lopes de Lima escreveu, não cahem pela base.

Brava.

PEDRO ROGERIO LEITE.

ECHOS DE S. VICENTE

Entraram n'este porto no anno de 1898, 19 vapores de guerra nacionaes e 35, tambem de guerra, estrangeiros.

— Esteve cá, vindo do sul, o cruzador *Adamastor*, demorando-se 4 dias. A charanga de bordo veio tocar em terra, na vespera da sahida.

A commissão municipal foi a bordo cumprimentar o sr. Ferreira do Amaral, que a recebeu muito amavelmente.

— O cruzador inglez *Warspite*, de 14 bocas de fogo e 621 pessoas de tripulação, entrou n'este porto, vindo da Madeira. A banda de bordo tocou no largo da Salina, durante o tempo que os officiaes jogavam o *cricket*.

— Organizou-se um corpo de bombeiros voluntarios municipais. E' commandante o sr. Alberto Torres e 1.º patrão o s. Simão Barbosa.

— Estabeleceu-se uma sociedade recreativa, cujo fim é dar todos os mezes uma *soirée* dançante.

— A importação de S. Vicente, no anno de 1898, foi no valor de 319:246\$065 réis, e o do carvão importado 852:806\$337 réis. Total 1.172:052\$402.

A exportação foi no valor de 35:029\$275 e o rendimento da alfandega de 133:509\$144 réis.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos, as seguintes:

O *Mundo Legal e Juridico*, de que é director o sr. Fernão Bolto Machado.

A *Arte*, — directores os srs. Julio Lobato e Veridiano Gonçalves.

A *Tradição*, — directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

A *Aurora do Cavado*, — director o sr. Rodrigo Velloso.

O *Intransigente*, de Chaves.

A *Verdade*, de Thomar.

O *Independente*, de New Bedford.

Jornal das Crianças, de Lisboa.

O *charadista* *Portuense*.

Revista Branca, de Caíl.

O *Collegio*, director o Rev. Padre Agostinho d'Azevedo, de Guimarães.

O *Districto de Faro*.

A *Saude*, director, João Bentes Castel Branco